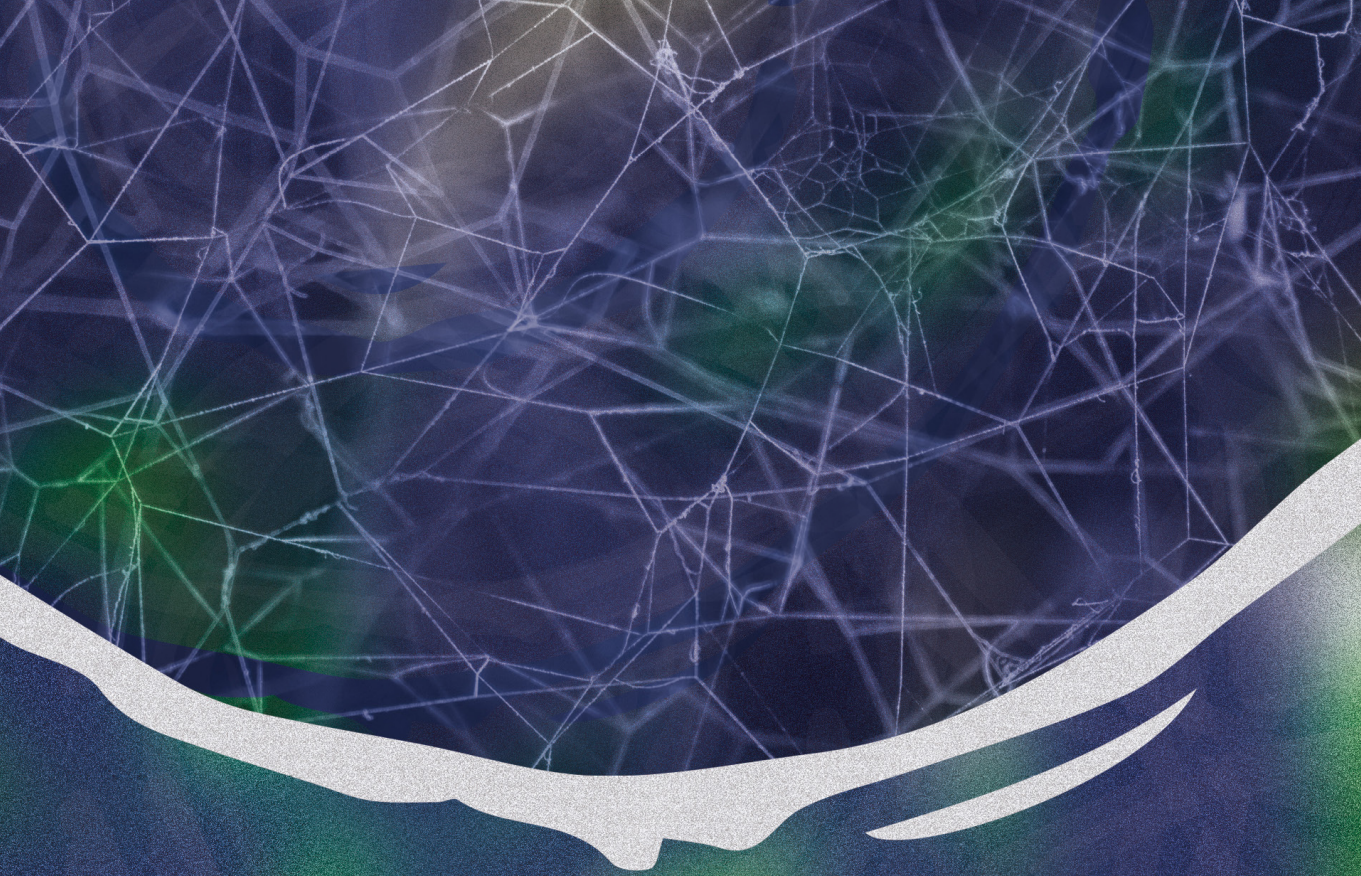


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 3 – Ficções

Raya e o último Dragão

Anna Clara Vitor de Sena

O filme *Raya e o* último *Dragão* (2021) se inicia com a protagonista narrando um pouco sobre como a sua terra se encontrava naquele estado – completamente devastada. “Um mundo distópico, uma terra que não dá mais frutos.” Revisitando o passado, Raya segue contando sobre um fato que aconteceu 500 anos atrás, mas que era deveras importante para chegar ao estado em que seu lar se encontrava na atualidade. Kumandra era um reino fantástico, onde os humanos viviam em harmonia, sua terra era fértil e proveitosa para aqueles que a habitavam. Mas não somente a população morava ali, o reino também era a casa dos dragões, criaturas mágicas que traziam diversos benefícios, como a água e a chuva.

Infelizmente, a paz que Kumandra emanava caiu por terra quando apareceram os Drunns, uma praga que se multiplicava e transformava todos aqueles que a tocavam em pedra. Para salvar sua população, os dragões entraram na linha de frente, se sacrificando para salvar a humanidade, mas, mesmo assim, nada pareceu ser suficiente. Foi quando a Siso, a dragão mais nova da família e consequentemente a última, juntou todos os seus poderes em uma joia, fazendo com que todos os Drunns desaparecessem e desfazendo a maldição direcionada a todos aqueles que haviam virado pedra. Todos retornaram, menos os dragões, restando apenas aquela joia.

A protagonista possuía a esperança de que, depois disso, o mínimo que a população faria seria demonstrar gratidão àqueles dragões que deram tudo que tinham para salvá-los, se unindo perante o sacrifício. “Mas, em vez disso, pessoas sendo pessoas, todas lutaram para possuir o último resquício de magia de dragão”, ela disse. Uma forte disputa emergiu, a divisão territorial foi instaurada e aquela terra, que uma vez foi harmoniosa, se dividiu em cinco novas terras, todas inimigas.

Mas, como se não bastasse, não foi assim que o reino se destruiu. Raya iniciou o filme narrando a história já adulta, mas o grande caos que de fato destruiu toda a harmonia e paz ocorreu quando ela era apenas uma criança. Aquela joia que havia restado e que possuía o espírito da Siso estava sendo protegida pelo seu pai, o líder de uma daquelas partes, chamada Coração. Um homem que ainda acreditava na paz e na harmonia que um dia existiram naquela terra, e, por isso, convidou todos aqueles povos para uma sopa com o pensamento de que “se não aprendermos a confiar uns nos outros outra vez, é só uma questão de tempo para que todos se prejudiquem. Esse não é o mundo em que eu quero que você viva”. É importante falar também que, nessa sopa, havia ingredientes de cada uma das cinco partes.

As populações das outras partes daquilo que um dia foi Kumandra, Presa, Calda, Garra e Coluna chegaram. No início tudo parecia harmônico, com uma falsa sensação de que as coisas estavam indo bem, mas uma armadilha já havia sido planejada, e a joia corria perigo. Todos partiram para cima da tão valiosa joia, acreditando que, se a possuíssem, sua terra poderia prosperar mais do que as rivais. Benja, o líder de Coração, conseguiu chegar à frente daquilo que proporcionava tamanho interesse com uma espada em mãos, contudo, ao ver sua filha no reflexo, percebeu que não estava praticando aquilo que havia lhe ensinado durante todo seu crescimento. Então, ele abaixou a espada, dizendo que o diálogo conseguiria resolver, e juntos poderiam ser Kumandra novamente e, assim, ajudar uns aos outros a resolver os desfalques nas terras. Entretanto, na sede de poder, acabaram não o escutando, e, em um choque de várias pessoas ao mesmo tempo, a joia se quebrou em cinco partes e liberou a praga que há 500 anos havia sido extinta: os Drunns estavam de volta.

Com uma analogia, pode-se enxergar muito do que nos foi ensinado sobre o papel do antropólogo no chefe Benja, pai de Raya. Ele acreditava que, juntas, todas as regiões poderiam fazer a diferença, e estava disposto a escutar aquilo que elas tinham para dizer. A Antropologia se constitui na relação, na presença e no fato de se estar aberto a outras possibilidades, dando espaço para as trocas e as partilhas que nos oferecem a gama das mais diversas visões de mundo. Benja sabia que, assim como sua terra, as outras quatro possuíam seus defeitos, mas nunca deixou o preconceito sobressair, e por isso buscava formas de mudar e não permanecer satisfeito com tamanha rivalidade.

A visão de Tim Ingold (2019) sobre o papel da Antropologia transparece em diversos âmbitos da vida e em uma interpretação desse filme. Raya cresceu sem a presença do pai, aquele que percebia o mundo como um lugar para todos, ainda em construção e sob responsabilidade daqueles que o habitavam. Fazendo um paralelo com a visão do autor, é possível enxergar semelhança em sua fala. Ao propor a antropologia como campo de estudo dedicado à questão sobre como devemos viver, o autor reforça que ninguém possui a resposta definitiva, mas devemos continuar à sua procura na companhia dos outros (Ingold, 2019).

Para esse autor, a Antropologia é generosa, infindável, crítica e comparativa no que diz respeito às condições do viver em sociedade e às possibilidades da vida humana, uma reflexão que não reside somente no agora, mas também é uma viagem entre passado, presente e, consequentemente, futuro. A Antropologia tem muito a nos ensinar como uma missão coletiva que inclui todos os seres em uma tentativa de forjar um mundo adequado para as gerações futuras.

Como diz no seu texto “Sobre levar os outros a sério” (Ingold, 2019), a vida humana é social, em um processo coletivo de descobrir como viver. Independentemente da idade, crença, de onde se cresceu ou em qual ambiente se trabalha, onde há diálogo e onde há troca, geram-se novos pensamentos e novos jeitos de ver a vida. Chefe Benja nunca quis a guerra, divisão de grupos ou rupturas no modo de vida entre seus semelhantes. Ele acreditava fielmente no poder do diálogo e, ao abaixar a espada, tentou proporcionar a todos aqueles ali reunidos o pensamento de que ainda havia solução, porém, infelizmente, assim como nas telas, muitas pessoas

não estão abertas ao diálogo, gerando consequências que afetam não só a elas, mas também àqueles que os rodeiam, como acontece na guerra que estamos presenciando nos dias atuais.

Algumas cenas do filme se relacionam inteiramente com os conceitos estudados sobre cultura e diversidade (Santos, 1994). Kumandra se dividiu em cinco partes e o fato mais curioso sobre a terra que um dia foi apenas uma só foi o desenvolvimento de particularidades marcantes em cada uma delas. Por se tratar também de uma construção histórica, após a divisão, as regiões foram cultivando suas diversidades, aprimorando o produto coletivo da vida daqueles que ali habitavam, mostrando, assim, a complexidade de algo tão único.

Como dito anteriormente, na intenção de receber os povos das outras regiões, Benja prepara uma sopa com alimentos típicos e característicos de cada região, demonstrando sua consciência sobre outras raízes culturais. A cultura não é um processo genético, e sim algo fortemente relacionado à educação, desenvolvido e transmitido com o passar dos anos e ligado ao fato de se aprender, afinal, ela é detentora dos mais diversos conjuntos de saberes, como arte, comportamento, tradição, roupas, linguagem e alimentação.

Como podemos enxergar, de forma lúdica, o filme tenta mostrar cada uma das tribos carregando sua cultura fortemente, a ponto de ser facilmente diferenciada, ainda que estivesse diante da mesma terra, possibilitando a nossa atenção à distinção entre aspectos materiais e não materiais da vida social, presentes em nosso cotidiano.

Benja tentou agir de forma nobre, na intenção de buscar uma relação com as diversas culturas ali presentes, visando ao respeito e ao aprendizado do conjunto de saberes e tradições de todos eles e compreendendo a existência de várias realidades internas, visto que, independentemente das desavenças, acima de tudo, todos ali eram seres humanos.

Ações como essa são importantes e devem ser aplicadas em nosso dia a dia, nos fazendo refletir sobre o fato de que não se pode fechar os olhos para a diversidade cultural que está presente desde antes da nossa existência, buscando se aproximar cada vez mais do que Tim Ingold entende como Antropologia na sua intenção de saber levar os outros a sério. Ao final do filme, um grupo consegue salvar o dia e restaurar a paz, e pelo menos um integrante de cada tribo está presente dentro dele. Apesar de retornarem todos para seus lares, eles conseguem convencer o resto das tribos a se reunirem pacificamente, realizando aquilo que o pai da Raya sempre quis.

Nessa perspectiva, concluímos dizendo que a intenção desse ensaio não é apresentar uma visão utópica de que, se todos nós nos juntarmos, chegaremos a uma sociedade idealmente mais perfeita do que aquela em que vivemos e que todos os problemas vão simplesmente desaparecer. O propósito aqui presente é relembrar a importância do diálogo, do aprender com o outro, do saber escutar o que o próximo tem para ensinar, entendendo que também temos muito a instruir. A diversidade cultural existe e resiste, e é, de fato, extremamente importante saber lidar ou pelo menos respeitar todas elas de mente aberta, para que, assim, busquemos sempre a melhor versão do mundo que vivemos tanto para o hoje quanto para o futuro.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO